



5322 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT11 - Política de Educação Superior

A MORADIA ESTUDANTIL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: APROXIMAÇÕES INTRODUTÓRIAS
Ermita de Souza Santos Rodrigues - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

A MORADIA ESTUDANTIL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: APROXIMAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Resumo

O presente texto compõe-se como recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento que busca analisar as implicações da moradia estudantil na vida de um grupo de estudantes-moradoras em uma universidade pública do sudeste brasileiro. Em diálogo com estudiosos da área, apresenta-se a temática da moradia estudantil no contexto de assistência e integração universitária, situando-se a observação participante como instrumento metodológico privilegiado para a compreensão das implicações acadêmico-sociais da vivência em um alojamento estudantil.

Palavras-chave: Moradia Estudantil - Assistência estudantil - Vida Acadêmica - Observação participante.

Introdução

O presente trabalho é o recorte de uma pesquisa de mestrado que está em execução e intenciona estudar um grupo de discentes que vivem na Moradia Estudantil em uma universidade federal do sudeste brasileiro. Conhecer as implicações dessa experiência na vida acadêmica das moradoras é o foco da análise. O relato desta pesquisa em andamento está organizado em três partes, na primeira parte contextualizo a moradia estudantil como uma das ações da assistência estudantil, na segunda aponto os caminhos metodológicos em construção e, finalmente, apresento as considerações da pesquisa para o momento, na terceira parte.

A moradia estudantil no contexto de assistência e integração universitária

O termo assistência tem provocado diversas discussões na realidade brasileira. Remete ao campo das políticas sociais e da assistência social, que, de acordo com Sposati (2006), requer sua desmistificação. Para a autora o termo assistência tem sido relacionado à pobreza e é confundido com assistencialismo. Historicamente, o termo tem essa conotação negativa na cultura brasileira, porque o serviço público se coloca como *locus* que satisfaz necessidades.

De um lado não há o compromisso de governantes com a atenção e o respeito dos direitos; de outro há uma tendência da população em desculpar o que é produzido pelo Estado, na medida em que as ações governamentais são vistas como ajudas circunstanciais que resultam mais da bondade do governante do que no reconhecimento da dignidade do cidadão (SPOSATI, 2006, p. 10).

Ao fazer uma análise sobre a relação entre o Estado e os setores excluídos da população nacional, Yazbek (2006, p.51) caracteriza as distorções da assistência em virtude das tradicionais ações públicas para o enfrentamento da pobreza no Brasil: apadrinhamento e clientelismo, que são formas enraizadas de tratar aqueles que mais precisam; vinculação histórica com o trabalho filantrópico, o que permite “[...] a identificação da assistência com o assistencialismo paternalista e fundado em razões de benemerência”.

Dessa forma, além de desmascarar a visão equivocada em torno do entendimento sobre assistência no Brasil, posição defendida por Sposati (2006, p.11), fica claro que é imprescindível distinguir assistencialismo de assistência: “[...] a rigor, assistência é uma forma de subsídio: técnico, financeiro, material, psicológico etc., enfim, ela se constitui num campo dinâmico de transferência que não é unidimensional, pois supõe de um lado a *necessidade* e de outro a *possibilidade*” (grifos da autora).

De acordo com pesquisas realizadas pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE), que têm se ocupado do levantamento do perfil socioeconômico e cultural das instituições de ensino superior federais do país, boa parte da população estudantil depende das ações de assistência e programas de permanência para dar continuidade aos estudos (BRASIL, 2011).

Têm sido cada vez mais evidente a preocupação de pesquisadores, agências formadoras e governamentais em relação à integração do estudante à vida universitária e, em especial, quanto à situação de permanência ou evasão. Tal preocupação tem como justificativa o próprio princípio norteador das ações de uma instituição de ensino superior, que não deve visar exclusivamente à formação profissional assegurando a aprendizagem de fundamentos e metodologias, mas também favorecer o processo geral de socialização (VENDRAMINI, 2004).

De acordo com Garrido (2012, p.39) "... a diversidade de experiências que os estudantes experimentam nos anos de graduação gera efeitos significativos, no sentido de contribuírem positivamente em sua formação. Pode ainda, contrariamente, produzir alterações não desejáveis aos propósitos da educação superior." Assim, é inevitável a busca por compreender de que forma as distintas experiências presentes no cotidiano afetam a população discente. Faz-se importante também conhecer as características dos diversos ambientes que servem de cenário para a vivência acadêmica. É a partir do entendimento dessa necessidade que a moradia estudantil e a vida acadêmica são tomadas como foco de discussão no presente estudo.

Ainda Garrido (2012) caracteriza as moradias estudantis como residências disponibilizadas pelas Instituições de Ensino Superior, geralmente universidades públicas, com o propósito de garantir habitação aos estudantes universitários de baixa renda familiar, oriundos de outros municípios, estados ou até mesmo de outros países. No contexto universitário que constitui o lócus da presente pesquisa a moradia estudantil foi inaugurada em 2014 e é apresentada como um programa de assistência estudantil que oferece estrutura física e condições de permanência para os alunos matriculados e frequentes residirem durante o período que cursam a graduação presencial. A existência da assistência estudantil prevê vulnerabilidades sociais e violação de direitos humanos, expressões da opressão vivenciada pelos sujeitos.

No presente estudo assumimos junto a Paulo Freire (1987) a necessidade de superação da contradição entre opressores e oprimidos e a moradia estudantil se coloca como *locus* para que estes sujeitos oprimidos e vulneráveis tenham vez e voz e se coloquem como sujeitos no mundo a partir da escolarização.

A vivência acadêmica é composta por um conjunto de experiências atribuídas tanto às atividades em classe quanto àquelas que ocorrem fora do espaço de sala de aula e que estão presentes no cotidiano acadêmico dos estudantes. Essas experiências, na maioria das vezes em ambiente institucional ou sob sua responsabilidade, colaboram no enriquecimento da formação do estudante da educação superior.

Sendo assim, assume-se a importância da realização de estudos que busquem investigar essa multiplicidade de ambientes, com suas características, as interações que ali são estabelecidas e as implicações que possam ter na vida acadêmica dos estudantes. Ressalta-se que, ao trazer como foco deste trabalho a moradia estudantil vinculada a uma Instituição de Ensino Superior (IES), assume-se o pressuposto de que a moradia é parte significativa do conjunto de experiências acadêmicas e sociais dos/das estudantes que nela residem.

Caminhos metodológicos em construção

A proposta de pesquisa abordada neste texto pretende analisar as implicações da moradia estudantil na vida acadêmica-social de seus estudantes-moradores. Dada a importância do sujeito para a pesquisa, optou-se por realizar um estudo com foco na *pesquisa participante*, abordagem que consideramos fecunda para conhecer a realidade social e instrumento potencializador de conhecimentos e de saberes direcionados aos setores populares e grupos marginalizados.

De acordo com Brandão e Streck (2006), a pesquisa participante deve ser compreendida como um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos propostos a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e que aspiram a gerar transformações. Experiências que sonham substituir a polarização pesquisador/pesquisado, conhecedor/conhecido, cientista/cientificado pela aventura perigosa, mas historicamente urgente e inevitável, da criação de redes, teias e tramas formadas por diferentes categorias entre iguais/diferentes sabedores solidários do que de fato importa saber.

A partir da pesquisa participante "espera-se que surja um novo conhecimento que possibilite transformar tanto os sujeitos implicados no processo quanto a realidade dos problemas (Brandão e Streck, 2006). Nesse sentido, a observação participante é realizada em contato direto, frequente e prolongado do investigador com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa.

Bogdan e Taylor (1975) definiram observação participante como uma investigação caracterizada por interações sociais intensas, entre investigador e sujeitos, no meio destes, sendo um procedimento durante o qual os dados são recolhidos de forma sistematizada. A expressão observação participante tende ainda, de acordo com Lapassade (2001), a designar o trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do investigador ao campo de pesquisa, quando inicia negociações para conseguir acesso a este e se continua numa visita prévia, com o reconhecimento do espaço ou campo de observação. Para Correia (2009), a observação participante se configura como um trabalho de campo que continua em cada momento/"tempo" de presença e até que o investigador o abandona depois de uma estadia mais ou menos longa.

A observação participante dessa pesquisa se dará por meio de um período de tempo que a pesquisadora habitará a moradia estudantil na condição de uma pesquisadora-visitante. A estadia nesse espaço acontecerá conforme surgirem as demandas e possibilidades, mas previamente serão organizadas estadias de 48 horas, que podem ser consecutivas ou não, ao longo de um determinado período de tempo, objetivando habitar a moradia em dias úteis e também finais de semana para compreender a realidade do *locus* do presente estudo e as relações/implicações desse espaço na vida acadêmica e social de seus moradores.

Considerações para o momento da pesquisa

Na medida que avança o conhecimento sobre os modos de vida e tudo aquilo que sobre ele interfere, também aumenta a capacidade humana de intervir sobre a vida individual e coletiva. É partindo desse entendimento que destacamos a relevância da presente pesquisa, tendo em vista o alargamento de nossa compreensão acerca das

experiências presentes no cotidiano da moradia estudantil universitária e como estas implicam a vida acadêmica e social da população discente que nela reside.

No presente texto, dado o estágio inicial de desenvolvimento da pesquisa, seguimos ao enalço de algumas aproximações com o campo teórico-metodológico que a fundamenta, destacando-se as discussões sobre assistência e integração universitária como panos de fundo da proposta. Proposta esta que encontra nas possibilidades abertas pela pesquisa participante a expectativa de uma imersão responsiva no ambiente em que vivem os sujeitos da pesquisa, a fim de com eles produzir um conhecimento potencializador de outras práticas e novos diálogos com os grupos “vulneráveis” que habitam nossas universidades.

Referências

BOGDAN, R. TAYLOR, S. Introduction to qualitative research methods: a phenomenological approach to the social sciences. New York. J. Wiley, 1975.

BRANDÃO, C. R. A Pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços da América Latina. In: Brandão, C. R.; Streck, D. R. (Org.). *Pesquisa participante: o saber da partilha*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 21-54.

BRASIL. Ministério da Educação. Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. **Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras**. Julho de 2011a. 64 p. Disponível em: <www.andifes.org.br/index.php?option=com_docman...27>. Acesso em: 05 abr. 2019.

CORREIA, Maria da Conceição Batista. **A investigação participante enquanto técnica de investigação**. Pensar Enfermagem, Vol. 13 N.º 2 2º Semestre de 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARRIDO, E. N. **Moradia estudantil e formação do (a) estudante Universitário (a)** /. 2012. 269f. Tese (doutorado em educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo.

LAPASSADE, G. L'Observation participante. Revista Europeia de Etnografia de Educação,1, 9-26, 2001.

SPOSATI, A. A Assistência Social e a trivialização dos padrões de reprodução social. In: SPOSATI, A.; FALCÃO, M. C.; FLEURY, S. M. T. **Os direitos (dos desassistidos) sociais**. São Paulo: Cortez, 1989.

SPOSATI, A. Prefácio. In: YAZBEK, M. C. **Classes Subalternas e Assistência Social**. São Paulo: Editora Cortez, 5 ed., 2006.

VENDRAMINI, C. et al. Construção e validação de uma Escala sobre Avaliação da Vida Acadêmica (EAVA). **Estudos de Psicologia**, v.9, n.2, p. 259-268, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a07v9n2.pdf>> Acesso em: 05 abr. 2019.